

CORPOS E ORDENS ADICIONAIS AO RITUAL DE EMULAÇÃO



QUE É O REAL ARCO ?

PORQUE O REAL ARCO?

Pelo Companheiro Roy A. Wells, GDCA,

Escriba Esdras Capítulo Domático de Instrução nr. 177,
Supremo G. Capítulo da Inglaterra

A.Q.C. vol. LXXVIII, 1965 (Condensação)

Estas notas são dirigidas aos Irmãos para quem o Real Arco é desconhecido, ou para os quais este Grau Superior foi apresentado como um grau supérfluo ou de pouco interesse para eles.

Ainda que se tenha escrito profusamente sobre o Real Arco, para tais Irmãos a informação a respeito tem sido um tema relegado. Os Mestres Maçons estão continuamente chegando a um ponto em suas carreiras Maçônicas em que se perguntam: “Porque é o Real Arco?” Ou “Que é o Grau do Real Arco?”, ou ainda: “ Que tem a ver com a Maçonaria Simbólica?”. Seu desenvolvimento Maçônico se vê estimulado ou interrompido com as respostas que recebe. Se o tema surge com Irmãos que em um certo sentido estão informados a respeito, quem pergunta naturalmente se beneficiará da orientação e instrução. Todavia, com freqüência as perguntas podem ser dirigidas aqueles que não estão bem preparados para responder adequadamente e cujas limitações podem produzir por sua vez uma permanente influencia adversa em quem possa haver encontrado no Real Arco uma inspiração Maçônica completa ou talvez um atalho até ela.

Uma resposta curta a estas perguntas seria que o Grau do Real Arco é a consumação do Terceiro Grau, a qual é uma subestimação. O Real Arco é por certo a progressão natural na Maçonaria que provê a obtenção dos “autênticos segredos”, a continuação da outorga de certos segredos substitutivos, e como tal, forma realmente uma parte integrante da Maçonaria Simbólica.

A Maçonaria Simbólica se relaciona com as circunstancias da construção do Templo do Rei Salomão, o primeiro lugar fixo de veneração ao Deus de Israel, e o lugar onde se depositou a Arca da Aliança depois da peregrinação pelo deserto. Naquela época se disse “ Ele construirá uma Casa em meu Nome e Eu estabelecerei o trono de seu Reino

para sempre". Para o Maçom o significado deste enunciado é que ele mesmo deverá levantar uma super estrutura "perfeita em suas partes e honrada para o construtor".

A História Bíblica nos informa que pouco depois da morte do Rei Salomão se produziu uma rebelião e as doze Tribos se dividiram em dois Reinos. Dez das tribos constituíram Israel no Norte, e as outras duas formaram Judá no Sul. As dez tribos do Norte desapareceram quando foram tomadas em cativeiro por Sargon, Rei da Assíria. Judá, todavia, manteve sua identidade como Reino tributário, a principio sob a dominação do Egito, e mais tarde sob o jugo da Babilônia.

Como conseqüência de uma falta de pagamento do tributo à Babilônia, a cidade de Jerusalém e o Templo foram destruídos por Nabucodonosor, Rei da Babilônia. O então Rei de Judá, Joacim, junto com a gente proeminente de seu Reino foram conduzidos em cativeiro à Babilônia. Só aqueles das classe baixas foram deixados para lavrar o solo. Judá como nação sobreviveu durante este período de cativeiro, e quando a Babilônia caiu ante seus conquistadores Persas, os cativos foram alentados a retornar a sua terra natal.

A Maçonaria do Real Arco, trata do retorno a Jerusalém dos cativos sobreviventes e de seus descendentes. Seu tema principal está centrado na remoção de escombros do sítio do Templo para preparar o terreno para o Segundo Templo. Nesta etapa, se narra como, e em que circunstancias especiais, se recuperaram os "autênticos segredos".

Lemos nas escrituras do profeta Ageu que o Segundo Templo não era nada tão importante, mas o que sim era importante, foi o comentário "A Glória desta casa derradeira será maior que a da primeira". Desta declaração se deduz que no lugar do esplendor material do Templo de Salomão, surgiria um desenvolvimento espiritual que inspiraria idéias mais elevadas do Deus de Israel.

Antigüidade do Real Arco

A primeira referencia impressa à Maçonaria do Real Arco aparece em Dublin (Irlanda) em 1743, num diário contendo um informe de....."O Real Arco levado em procissão por dois Excelentes Maçons".

Não há certeza acerca de se estar referindo ao grau do Real Arco, mas em minha opinião provavelmente, foi assim. Em 1744, foi publicado por Dassigny um artigo titulado "Um Estudo Sério e Imparcial sobre a Causa da Decadência Atual da Maçonaria no Reino da Irlanda". O mesmo fazia referencia ao grau do Real Arco, mas Dassigny não o aceitou e pensou que era uma fraude. Todavia, muito pouco tempo depois estava prosperando. Laurence Dermott, o segundo Grande Secretário dos "Antigos", foi sempre um entusiasta do Real Arco, ao que descreveu como "a raiz, coração e medula da Maçonaria".

O mais antigo registro do Real Arco data de 1741, mas de nenhuma maneira isto implica que se tenha originado nesse ano; é impossível assinalar uma data, e dizer que foi nesse ano que nasceu o Real Arco. É, todavia, óbvio que um grau similar a nosso Real Arco se pressupõe derivado do ritual do Mestre Maçom, e uma hipótese aceitável é que os segredos essenciais do Real Arco corresponderam à Venerança e eram conferidos ao V.M. não em sua Instalação, mas ao concluir o ano de seu mandato, e que eram certo tipo de recompensa que se lhe prestava por serviços prestados à Ordem, ao desempenhar eficientemente os onerosos deveres de V. M. de uma Loja.

Aquilo que se perdeu

O Mestre Maçom que está ansioso por realizar um progresso diário em conhecimento Maçônico, o Maçom inquisitivo, se tem perguntado sem dúvida porque uma lenda que ilustra uma perda omite incluir a seqüência complementar de uma recuperação; por que a perda dos “verdadeiros segredos” é resultante aparentemente pela adoção permanente de certos segredos substitutivos, e que relação estes segredos substitutivos teriam com aqueles que se perderam.

O tema do nascimento, a vida e sua maturidade, a morte e sua ressurreição - ou esperança de sobrevivência em mansões imortais – está claro sem dúvida, mas certas frases no Ritual da Ordem indicam que o tema ainda não terminou dentro da Maçonaria Simbólica. É razoável assumir que o Mestre Maçom tem especulado com o fato de que a intenção na Cerimônia de Abertura é “buscar aquilo que se perdeu”, todavia, na Cerimônia de Encerramento desse grau sempre há uma referência admitindo um fracasso em dita busca.

Logo, o V.M. declara que os segredos substitutivos que lhe foram regularmente comunicados, são sancionados e confirmados com sua aprovação “até que o tempo ou as circunstâncias restituam os verdadeiros”.

Talvez se tenha refletido sobre a resposta que se deu a certos rufiões quando demandaram uma informação específica de H.A, que lhe disse que sem o consentimento e a cooperação de seus colegas, não podia nem haveria de divulgar os detalhes que eles lhe requeriam. “A paciência e o trabalho assíduo darão direito ao Maçom digno a seu devido tempo, a sua participação nestes segredos”.

Quando é o “tempo devido”, e como se converte em um “Maçom digno” de respeito e de participar?

A intenção de obter os legítimos segredos, sem o devido direito a eles, ou como diríamos hoje, a intenção de conseguir algo a troco de nada, é uma tragédia que pareceria suscitar várias situações maduras para o questionamento. Os copiladores antigos do Ritual possivelmente decidiram que aqui havia um ponto de ruptura que poderia ensejar um elemento de satisfação para alguns Maçons. De qualquer modo isso é exatamente o que ocorreu e por certo demonstrou ser de alta conveniência para muitos membros.

Quanto ao Mestre Maçom que se tem detido a “pensar nestas coisas” – o verdadeiro Maçom Especulativo - , o Real Arco, ou para dar-lhe o título completo, a **Ordem de Maçons do Santo Real Arco de Jerusalém**, espera recompensar até o limite de sua própria capacidade ou aptidão.

Devo ingressar?

O Candidato para Iniciação à Maçonaria afirma entre outras coisas que sua confiança está depositada em Deus, que é induzido por uma ânsia de conhecimento e por um sincero desejo de se converter em mais útil no serviço de seus semelhantes.

Como Candidato para o Real Arco, deverá apresentar-se “com um desejo de aperfeiçoar-se na Maçonaria e de dedicar esse aperfeiçoamento à Glória de Deus e ao bem da humanidade”.

Tal desejo de aperfeiçoamento somente pode manifestar-se se durante o período de sua carreira na Ordem até esse momento, tem estimulado e alimentado seu interesse na Maçonaria por seus proponentes, os Oficiais da Loja e os Preceptores da Loja de Instrução (caso de que esta exista), todos aqueles cujo dever ante o aspirante é óbvio, mas que alguma vez podemos perder de vista.

Se a Loja de Instrução é tão somente uma “Loja de Ensaios” sem a levedura da Instrução, a parte ritualística da Maçonaria se converte no ponto focal e domina sobre todos os outros aspectos. Se a agenda da Loja não contem outra coisa que sucessivas cerimônias, se transforma em muito pouco mais que um veículo para conseguir habilidade no Ritual e dicção perfeita.

Todos aceitamos que a Maçonaria é “um sistema de moralidade velado na alegoria e ilustrado por símbolos”. Isto requer algum esforço para compreender não tanto o que o Ritual expressa, mas sim o que nos induz a fazer.

Se realizamos a interiorização de que a Maçonaria por certo nos provê as ferramentas, mas que a escolha das mesmas e a maneira de usa-las reside totalmente em nós, sendo assim, a edificação do “Templo dentro de nós mesmos” já começou.

A busca “ Daquilo que se perdeu” – a Palavra Perdida – começou realmente num sentido bíblico quando Adão caiu em desgraça e levou à humanidade esta perpetua busca.

Quando os construtores do Primeiro Templo em Jerusalém se desviaram do verdadeiro culto, o mito bíblico se converteu em realidade. Todavia, a Palavra permaneceu nesse mesmo lugar e ao contar a maneira de seu redescobrimento e o reconhecimento ao privilégio para aqueles que o fizeram possível, o Real Arco mostra exatamente qual é para todos nós a verdadeira essência da Maçonaria.

Quando alguém se encontra na busca, o Companheirismo do Real Arco deve sem duvida ser recebido com beneplácito.

Em outras épocas o ingresso em um Capítulo de Real Arco estava limitado aqueles que já haviam ocupado a Venerança de uma Loja. Na atualidade todo Mestre Maçom com uma antigüidade de mais de quatro semanas é elegível, mas os tronos dos três Principais estão restritos àqueles que foram instalados como Veneráveis Mestres de uma Loja. Todavia, dentro do Capítulo existem outros cargos aos quais o Mestre Maçom pode ter acesso depois de ter sido exaltado no Real Arco.

O Maçom entusiasta encontrará no Santo Real Arco muito do que esteve buscando desde seu Terceiro Grau, e ademais do grande ensinamento simbólico e da imponente cerimônia, encontrará que entre os membros do Capítulo se encontram os mais ativos aderentes da Maçonaria

A Maçonaria do Real Arco não é em absoluto excludente, competitiva, nem incompatível com nenhum dos Graus do Rito Escocês, e prova disso é que tantos Irmãos estão atuando simultaneamente em ambos corpos maçônicos.

BIBLIOGRAFIA:

- Ordem dos Maçons do Real Arco – W.L. Wilmschurs
- A Coroa para o Maçom do Real Arco – V.I. Chapman.- Capítulo Domático de Instrução nr. 167
- Breve História da Suprema Ordem dos Maçons do Santo Real Arco de Jerusalém – E.C. Gilbert I. MacDuff
- Reflexões sobre o Discurso Místico do Primeiro Principal – E.C. Gilbert I. MacDuff

O GRAU

Descrito como a perfeição e completa realização da Maçonaria, este grau trata do longo período que seguiu ao final do glorioso reinado do Rei Salomão. O Templo de Jerusalém havia sido destruído, o reinado de Judá dividido em tribos escravas. Babilônia foi conquistada por Ciro, o Grande, para converter-se parte do poderoso império da Pérsia. Este governante, muito humano, liberou os escravos judeus, e os convidou a voltar a Jerusalém, para iniciar a reconstrução do Templo. Esta lenda está baseada na restauração dos segredos genuínos do Mestre Maçom, e isto é realizado por operários que fazem um descobrimento importante durante seu trabalho e conseguindo um interessante e iluminada explicação da natureza de Deus.



QUALIFICAÇÃO

O Candidato deve ser Mestre Maçom com quatro semanas de antigüidade. No caso dos Principais do Capítulo devem ser Mestres Instalados